

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

AMANDA ARRIGO SCIENA

**EDUCAR OU ENSINAR: CONFLITOS ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL
DA ESCOLA.**

MARINGÁ
2014

AMANDA ARRIGO SCIENA

**EDUCAR OU ENSINAR: CONFLITOS ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL
DA ESCOLA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na forma de artigo como um dos requisitos para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Prof. Dr. Raymundo de Lima.

MARINGÁ

2014

AMANDA ARRIGO SCIENA

**EDUCAR OU ENSINAR: CONFLITOS ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL
DA ESCOLA.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raymundo de Lima (orientador)
Universidade Estadual de Maringá

Universidade Estadual de Maringá

Universidade Estadual de Maringá

Maringá
2014

*"A educação sozinha não
transforma a sociedade,
sem ela tampouco a
sociedade muda."*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida, por me dar saúde e força para lutar por meus objetivos e superar os obstáculos.

Agradeço também a minha família, principalmente ao meu pai, por ter me ensinado desde pequena a importância dos estudos, a amar a leitura, me apoiar quando pensei em desistir.

A minha querida amiga Bruna, que se tornou uma irmã durante o curso, todos os amigos e amigas que estiveram presente durante essa caminhada, pelos momentos de angustias e sorrisos que pudemos compartilhar.

Ao meu namorado Allan, pela paciência, cuidado, calma dedicados a mim, principalmente nessa reta final de curso, me ajudando a me recuperar de tombos e a seguir.

Ao meu orientador Raymundo de Lima, pela atenção, compreensão, dedicação, paciência, e tempo dedicados a realização desse trabalho, também aos professores que aceitaram fazer parte da banca e a todos os outros que passaram e contribuíram para minha formação.

A todos os meus alunos, em especial ao Gabriel, que me fazem todos os dias confirmar que escolhi a profissão certa.

| SCIENA, Amanda Arrigo. **Educar ou Ensinar**—: Conflitos acerca da função social da escola. 2014. 17 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

RESUMO

Esta pesquisa pretende estudar a função social da escola e, para isso, observamos as mudanças nas configurações familiares que levaram a perda da autoridade dos pais, principalmente a autoridade do pai. Como a sociedade contemporânea convive com o declínio do sistema patriarcal, há que investigar os efeitos deste na educação dos filhos, bem como a tentativa de terceirização da educação.

Palavras-chave: Educação; Ensino; Função social; Família.

ABSTRACT

This research aims to study the social function of the school and, therefore, observed changes in family settings that led to loss of parental authority, especially the authority of the father. As contemporary society coexists with the decline of the patriarchal system, it is necessary to investigate the effects of this on children's education, as well as attempting to outsourcing of education.

Key-words: Education; education; Social function; Family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. IMPASSES E MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO DE ANTIGAMENTE E DE HOJE.....	08
3. DECLÍNIO DO SISTEMA PATRIARCAL DA FAMÍLIA TRADICIONAL.....	11
4. CONCEITOS: EDUCAR, ENSINAR, INSTRUIR. ESCOLA X FAMÍLIA	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
6. REFERÊNCIAS.....	17

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo discorrer sobre a função social da escola e sua desvirtuação na sociedade contemporânea, na qual as famílias tem se furtado de seus deveres, bem como o Estado, através de leis, vem delegando à instituição escola o ônus de cumprir com responsabilidades historicamente atribuída aos pais.

Para isso, temos a seguinte questão: Qual a função social da escola? Pais culpam a escola pelo fracasso dos filhos, a escola culpa os pais pelas dificuldades de ensino. E nesse “ioiô” parece que ambos não assumem as responsabilidades de educação e ensino na formação do sujeito.

Na atualidade não é incomum encontrar crianças desobedecendo as regras impostas pela sociedade, enfrentando os pais, tomando suas próprias decisões passando por cima do comando dos adultos, etc.. Evidentemente que parte destas decisões ativas são necessárias para as crianças e adolescentes testarem os seus limites, para assim saberem o que “podem” ou o que “devem” fazer, e essa é a hora que precisamos impor os limites com firmeza evitando danos catastróficos na educação.

Dizemos que “as crianças de hoje não teriam limites, os pais não os importariam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria etc.” (LA TAILLE, 1996, p.9).

As justificativas dos responsáveis são, em alguns casos, falta de tempo para educar os filhos, trabalham muito, e quando estão em casa querem descansar, não querem brigar, chamar a atenção e correr o risco de ouvir choros e birras, ou seja, é mais fácil ceder. Se os pais são separados ou divorciados, parece que eles acreditam que podem suprir a falta da família unida com mimos e ausência de limites.

Parece contradição que na era da informação e do conhecimento tão difundidos pela mídia, existem pais desinformados e/ou despreparados para a função de pai e mãe, isto é, ambos não sabem agir para bem educar os filhos; parece ser uma tendência atual os pais acreditarem estar fazendo o melhor para as crianças, e muitas vezes eles não se apercebem dos erros cometidos, ou se sentem culpados diante do ideal de ser pai e ser mãe. Muitos pais se deixam ser

“comprados” pelas crianças, isto é, acreditam que são obrigados a preencherem os desejos delas; outros cobram demais delas, e ao invés de ensinar-lhes respeito terminam por transmitir-lhes medo. Ou seja, são atitudes e posturas que não contribuem na boa educação de uma geração de filhos.

Para dar conta deste estudo, em um primeiro momento faremos uma breve reflexão sobre as alterações na educação ao longo dos anos; em um segundo momento, traremos à tona o declínio do sistema patriarcal e as consequências na educação das crianças; em um terceiro momento, pretendemos repensar os conceitos: educação, ensino, instrução; e para concluir, levantaremos alguns pontos para debater a relação escola x família.

2. IMPASSES E MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO DE ANTIGAMENTE E DE HOJE.

Ao entardecer, após seu passeio diário, a menina adentra correndo nos corredores de sua casa com a empolgação de contar a todos como fora sua tarde. Ela não percebeu que havia visita em casa: na sala de estar se encontravam o papai, a mamãe e um amigo da família que viera lhes fazer um convite. A garotinha, ofegante, ia dirigir a palavra aos seus pais, quando seu pai a olhou, ela então pediu licença, desculpou-se e retirou-se do local.

Essa situação foi relatada por um adulto com idade atual de 44 anos, na qual se lembra com saudosismo de como as crianças respeitavam as regras estabelecidas pela tradição familiar, pois apenas um olhar do pai bastava para que soubesse qual comportamento adequado.

Se fosse para descrever essa situação nos nossos dias poderíamos esperar o mesmo comportamento da garotinha diante do pai?

Provavelmente não, na atualidade a criança iria exigir a atenção dos pais, e, caso não a conseguisse haveria uma enorme chance de presenciarmos choros e birras. E provavelmente a atitude dos pais, nesta situação, atualmente, desconheceria a função do olhar enquanto autoridade da família.

Esse foi apenas um exemplo de como a educação sofreu transformações ao longo dos anos. No artigo *Educação de Antigamente e de Hoje*, Lima (2006), explica

que com o passar dos anos mudaram-se as prioridades: antigamente os pais incentivavam os filhos a trabalharem desde cedo, para que fossem inseridos no mercado de trabalho, ora por necessidade de sobrevivência da família, ora para adquirirem um ofício e o sentido do trabalho. Parece que elas se tornavam adultos o mais rápido possível; enquanto hoje em dia os pais [e a lei, o Estado] preferem que os filhos só estudem, e desse modo vão demorar um maior tempo possível para chegar ao estilo adulto. Parece que os pais de hoje são movido pelo medo de perder os filhos, ou medo que eles crescendo tenderão a se afastar definitivamente deles. A tendência atual dos pais parece tratar os filhos adolescentes e adultos como se ainda fossem crianças, sem impor limites, sem cobrar pequenas responsabilidades, para que assim os filhos estejam satisfeitos em casa, e não tenha vontade de fugir do aconchego do lar ou se tornarem adultos que podem casar para constituir sua própria família.

Assim como estão poupando as crianças de responsabilidades mínimas, para não atrapalhar o “conforto” dos filhos em casa, parecem evitar ou desconhecer o exercício da autoridade familiar, para impor regras e limites na convivência; hoje em dia uma criança de 3 anos até decide que roupa irá vestir, a hora de dormir, e o pais respondem com atitude de fascinação. Afinal, houve mudança na atitude das crianças ou na atitude dos pais?

Foram os pais que mudaram: antes [quando vigorava o autoritarismo cultural e educativo] eles tinham certeza do que pretendiam em relação a seus filhos e, por isso mesmo, não davam possibilidade de tanta discussão acerca de coisas simples como “hora de dormir”, “comer ou não determinados alimentos” etc. Todas essas questões, que eram coisas definidas e definitivas para pais da geração anterior, não o são mais hoje (ZAGURY, 1991, p.25).

Na videoconferência *Filhos ... melhor não tê-los?* A psicóloga e colunista da Folha de São Paulo, Rosely Sayão, explica essas alterações como consequências de uma sociedade consumista. Ela expõe que estamos nos acostumando a consumir sem consciência, e descartamos tudo em todo momento, com isso, a sociedade constrói sonhos nos seres humanos, em propagandas de tv, anúncios publicitários, nos mostram uma ideologia do que devemos ter para ser, somos seduzidos a comprar os melhores carros, melhores casas, acreditamos que precisamos participar desse ciclo, e ter um filho na atualidade está sendo parte

disso, as famosas propagandas de manteiga mostram famílias felizes com crianças lindas, alegres, comportadas, as fotografias em outdoor mostram essa mesma imagem. Filhos passam a ser nosso próximo sonho de consumo.

O que as fotos não mostram e não é dito a esses futuros pais é que ter filhos implica em trabalho. Ou seja, eles vão se sujar, fazer birra, bagunçar a casa, precisam ser levados para vacinação, consulta médica, escola etc.

Sayão (op.cit.) observa que na contemporaneidade a sociedade está fundamentada no espetáculo, isto é, vivemos para ver e ser vistos, e construir uma família, ter filhos, faz parte também dessa sociedade do espetáculo, por exemplo, os pais levam seus bebês cheio de adornos e brinquedos aos lugares públicos, movimentados, barulhentos, isto é, para serem vistos. Parece que não acolhemos a infância como ela é em si mesma, mas sim como ela é inventada para causar um efeito social..

Sayão (op.cit.) diz: "A juventude deixou de ser uma etapa da vida para ser um estilo de vida"; isto é, nesse estilo de vida "espetáculo" como ter condições para educar bem os filhos? Como é uma época em que não é admitido envelhecer, viver como um jovem toma muito tempo e deixa a todos exaustos.

Na sociedade de descartes é onde tudo se compra. Assim, a educação dos filhos é terceirizada; a babá tem sido uma das opções para substituir a função das mães, também dos avós e da escola. Lima (2002) complementa esta observação:

Vivemos numa época em que os pais (mãe e pai) são tão submissos a onda consumista do capitalismo, proporcionando aos filhos a melhor comida, os mais sofisticados brinquedos, os passeios mais caros nas férias, etc, mas esquecem o mais importante, urgente e de custo zero: ser uma mãe ou pai presentes, que dão atenção, carinhos, beijinhos, que oferecem colo, enfim, que sabem dar amor em ato e... limites também. (LIMA, 2002).

Desse modo, a contemporaneidade produz um pai e uma mãe com pouca ou nenhuma autoridade. Então, o que representa a ruptura desta autoridade familiar para as novas gerações, e para a própria sociedade?

3. DECLÍNIO DO SISTEMA PATRIARCAL DA FAMÍLIA TRADICIONAL

Conforme Lima (2009), “...o pai, força, onipotência, vontade absoluta, autoridade sem limites sobre filhos e sua mulher, que lhe devem obediência”, ou seja o pai forjado no sistema patriarcal, é autoridade incontestável dentro da família: ele é a “lei”, provedor, protetor e comanda a família; também ele é “referência” para os filhos, irradiando assim a segurança no lar e o respeito da comunidade. A mãe cabe-lhe se submeter a lei-do-pai, e ser seu substituto na ausência dele.

Em nossa época,

a autoridade dos pais diminuiu, em especial a do pai sobre os descendentes. Esta autoridade foi limitada, não apenas pelo Estado, mas também pelos costumes e pelas crenças. Os pais já não podem decidir sobre o casamento ou a profissão dos filhos. Tem-se mesmo a impressão de que os pais já não podem decidir sobre nada! (REBOUL, 1971, p.2).

Entre as alterações sociais que fizeram parte das modificações familiares, queremos destacar o declínio do pai da figura de poder incontestável dentro da família, com o passar dos anos, a mulher assume as rédeas de sua vida, passando a estudar, trabalhar e dividir as responsabilidades com o marido, que passa a ter que auxiliar na educação dos filhos.

Uma vez convocado pela mãe, resta ao “novo pai” participar do cuidado e da educação dos filhos; ao contrário do pai tradicional, que vivia distante dos filhos, não se revelando como pessoa, agora esse ‘novo pai’ se vê envolvido também com a maternagem. Esse novo pai se torna importante se a mãe fracassou no seu papel, ou se ela não é vocacionada para ser mãe, mas sim, para ser uma empresária, intelectual, enfim, uma mulher que ousou romper com a tradição de apenas ser dona-de casa e criadora de filhos (RAMIRES, 1997, p. 112-117; HURSTEL, 1999, p. 179).

Outro fator que contribuí para a dificuldade em manter o pai como lei maior da casa é que por medo de ser confundida sua autoridade com autoritarismo,

O pai vive a negação de sua função tradicional. Vivemos a era do pai-banana, frouxo, impotente, castrado na sua autoridade, quer na palavra, quer no ato. Reforçando o já dito, ele deixa de exercer sua autoridade – necessária e providencial – porque teme excedê-la em

autoritarismo, tão malvisto nas democracias pós-modernas (LIMA, 2009).

Com isso, percebemos que o pai acaba por não ter atitudes que são esperadas do mesmo, por exemplo, não impondo respeito, regras e limites.

E esse vazio deixado por ele, a mãe não dá conta de preencher. Daí ambos aceitarem tudo que a criança pede ou faz errado. A mãe também acompanha o pai na sua covardia moral, ou seja, não tem coragem de dizer e sustentar os 'nãos' (LIMA, 2009).

Contudo, percebemos também que em alguns casos, as mães são superprotetoras, e com amor carinho e decisão em excesso não deixam com que os pais se aproximem e façam parte da educação de seus filhos, eles se acomodam na posição de aceitação não assumindo responsabilidades.

Com isso, a falta de limites se inicia na infância e cresce na adolescência e se estende pela juventude, encontramos jovens desafiando as leis impostas pela escola, sociedade, trânsito, querem a todo o tempo desobedecer o que está sendo imposto, seja com horário de chegada na aula, utilizar celular nas dependências do colégio, atravessar um lugar público pisando na grama onde é proibido, dirigindo antes de completar a idade e vários outros atos nos mostram essa incivilidade:

Mas é imperativo analisar as causas e os efeitos dos atos de incivilidade em nossa época. O desrespeito à autoridade e à lei começam em casa, por meio dos pais negligentes, permissivos ou cínicos; e as crianças terminam "autorizando" a si próprias a atos desse tipo. (LIMA, 2009).

Percebemos que na pós-modernidade as mulheres estão sendo educadas para serem bem sucedidas, terem um bom emprego, uma carreira profissional. E os homens à terem sua vida, seu emprego, e, se possível, auxiliarem as esposas em casa. A sociedade capitalista, na qual tudo é para ontem, todo tempo é escasso, aprendemos a comer comida rápida, a lidar com a concorrência e a ter que ser melhor em tudo, as novas gerações nascem sabendo se utilizar de computadores, tablets, IPHONES, IPEDS, e todas as tecnologias do momento.. E ainda assim, mesmo com tanta informação e tudo o que nos rodeia, podemos até ter ótimos profissionais, mas os pais parecem cada vez mais despreparados.

Na nova configuração familiar, surge uma nova geração de “pais-banana e mães sem vocação para a maternagem, que deixam os filhos entregues à creche, babás, vizinha, avós, a si próprios” (LIMA, 2009).

4. CONCEITOS: EDUCAR, ENSINAR, INSTRUIR. ESCOLA X FAMÍLIA

Para Reboul (1971), “...raramente se emprega a palavra educação sem lhe limitar imediatamente o sentido. Ao usá-la, pensa-se na Escola e, no entanto, a educação faz-se, inicialmente, na família”.

Ao pensar na palavra educação, é necessário compreender o sentido amplo que a palavra emprega, a escola está longe de ser a única instância educadora, como vimos acima, tudo se inicia na família. O dicionário define educação “Conjunto de processos com os quais se dirige o desenvolvimento, a formação de um ser humano. Resultado obtido por esses processos.” (apud REBOUL). Portanto,

A educação é a acção consciente que permite a um ser humano desenvolver as suas aptidões físicas e intelectuais bem como os seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o objectivo de cumprir, tanto quanto possível, a sua missão como homem; é também o resultado desta acção. A educação é, pois, uma acção. (REBOUL, 1971, p.1).

Após definir educação, podemos pensar em “educação escolar”, ou “formação escolar”, para se referir aos conteúdos científicos que a criança deve aprender na escola, organizados conforme as disciplinas: português, matemática, geografia, entre outros.

O termo instrução deve-se ao ato de ensinar. Portanto percebemos que a instrução é uma parte do que engloba a educação:

Reportemo-nos uma vez mais à linguagem. A diferença entre os três termos está bem marcada pela construção dos verbos. “Ensina-se qualquer coisa a qualquer pessoa”. “Dá-se instrução a qualquer um em qualquer coisa”. “Educa-se alguém”, sem nenhum complemento, directo ou indirecto! Educar não é portanto, ou apenas, comunicar um conteúdo, como a geografia, a álgebra ou a natação. Educar é formar a pessoa como um todo. (REBOUL, 1971, p.2)

Enquanto a instrução é realizada sistematicamente e intencionalmente, a educação é realizada também por exemplos, costumes, bons hábitos. Sendo assim, com todos os apontamentos realizados até aqui, como acreditar em uma escola que supra todas as necessidades de educação e formação do sujeito?

Ao final do ano letivo, após todas essas atividades, fica a questão: as crianças foram alfabetizadas? Aprenderam português? Aprenderam matemática, história, geografia? Ora esses são os elementos clássicos do currículo, tão clássicos que ninguém contesta. Às vezes se contesta a forma: será que se deve alfabetizar assim ou seria melhor de outra forma? Mas alguém ousaria afirmar que a escola não deve alfabetizar? No entanto, esses elementos acabam por ser secundarizados, diluídos numa concepção difusa de currículo. (SAVIANI, 1991.p.87)

Professores ficam perdidos, e como não são os responsáveis por isso não atingem nem um e nem outro objetivo, pois:

Em outros termos, a escola tem uma função especificamente educativa, propriamente pedagógica, ligada a questão do conhecimento; é preciso pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o **saber sistematizado** a partir do qual se define a especificidade da educação escolar (SAVIANI, 1991, p.84). [grifo meu].

Ou seja, a escola tem a função de ensinar conhecimentos sistemáticos aos alunos, que, devem já saber como se comportar, manter a atenção, respeitar os limites e a função docente. É preciso resgatar a função docente, para dar conta de formar alunos-sujeitos, isto é, com pensamento crítico reflexivo à respeito da sociedade,. para ser capaz de tomar as decisões futuras.

Em contrapartida à tudo o que já foi discutido até aqui, percebemos que existem alguns casos de pais que não acreditam que a escola seja a melhor opção para o ensino dos filhos. Sendo assim, optam por educá-los em casa. Nesse caso, ao contrário do que havia sido citado, os pais não estão deixando todas as funções para a escola, mas sim acumulando-as para si próprios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho de conclusão de curso, foi possível compreender que alterações familiares profundas vem ocorrendo ao longo da nossa época contemporânea. Estas alterações vem afetando a função tradicional dos pais na tarefa de educação. Tanto o pai como a mãe parecem confusos e despreparados quanto à educação de seus filhos, Ambos também revelam perda da autoridade e da autonomia para proceder a educação de base, imprescindível para a escola poder fazer sua parte. Parece que os pais procuram compensar a falta do seu trabalho educativo ao delegar à escola a obrigação de ela cumprir a educação integral, que acaba sobrecarregada-a e possivelmente resultando em fracasso do trabalho de ensino e aprendizagem de conteúdos curriculares.

No Brasil, a cada dia temos mais crianças sendo aprovadas para os próximos anos sem os conhecimentos esperados a cada idade.

Percebemos também que educação, ensino, instrução, não são termos que se opõem, e é da mesma forma com a família e a escola: não é possível obter sucesso na formação do sujeito com dualidade entre as duas instâncias.

A família precisa assumir a posição que é destinada a ela e fazer parte do contexto escolar em que seus filhos vivem. Para isso, ela precisa acompanhar o aprendizado dos filhos, auxiliar nas atividades destinadas a serem realizadas em casa, inserir uma rotina de estudos aos filhos, além de todas as decisões que cabem a adultos tomarem, como por exemplo, o que comer, o que assistir, quando assistir, horário de dormir, etc.

É imperioso que os casais repensem suas escolhas na hora de decidir ter filhos; lembrar que é bem mais que um *status* social, é uma vida a qual teremos por obrigação criar da melhor forma que pudermos, que além de custos financeiros, teremos que nos privar de muitas benefícios, tais como: tempo de lazer, noites bem dormidas, e muito mais.

Além disso, é preciso conscientizar esses futuros pais, que mesmo em uma sociedade capitalista e consumista não se pode pagar por tudo, não será possível terceirizar a autoridade do pai e da mãe, bem como o carinho, afeto, cuidados específicos que somente eles podem cumprir, por amor e/ou por dever.

Nesse sentido, teremos pais mais preparados, que não irão esperar ter um bebê de outdoor, que está sempre lindo, limpo e sorrindo; não terão sustos quando perceberem o trabalho que é ter um filho e não irão querer delegar à outras pessoas as suas obrigações.

Em contrapartida a escola também precisa estar preparada para receber às novas gerações de crianças nascidas na contemporaneidade ou pósmodernidade. Principalmente a escola, no Brasil, terá que investir na prioridade dos conteúdos do currículo, lembrando sempre que cada aluno é um ser individual que tem sua forma de aprender a qual precisa ser levada em conta na hora de repensar a prática pedagógica dos professores.

Consideramos finalmente que, tanto a família quanto a escola tem funções diferentes na formação do sujeito, que não podem ser confundidas nem diluídas; a escola não deve requerer para si obrigações que são da família e nem o contrário, ao mesmo tempo em que não se deve pensar na formação da criança sem levar em conta essas duas instâncias, ou seja se existe conflito entre escola x família só há vitórias quando as duas se unem, cada qual cumprindo e sendo responsáveis por suas tarefas próprias ou específicas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A família no fogo cruzado da educação. In: **Videoconferência do CPF**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/?s=julio+aquino>. Acesso em 15 Ago. 2014.

AQUINO, J. G. Autoridade docente e autonomia discente: uma equação possível e necessária. In: **Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1999. p. 131-153.

CORSO, D. Família: coração de um mundo sem refúgio. In: **Videoconferência do CPF**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/video/integra-familia-coracao-de-mundo-sem-refugio-diana-corso-0>. Acesso em 10 Set. 2014.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papyrus, 1999.

KONTAI, C. A família pós-moderna, amor e liberdade. **Videoconferência do CPF**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2010/08/31/a-familia-pos-moderna-amor-e-liberdade-catherina-koltai/>. Acesso em 10 Set. 2014.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In. AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p.9-23.

LA TAILLE, Y. Educação, moral e tédio... : **Videoconferência do CPF**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2010/11/22/educacao-moral-e-tedio-do-tedio-ao-respeito-de-si-educacao-moral-e-formacao-etica-%E2%80%93-yves-de-la-taille/>. Acesso em 22 Set. 2014.

LIMA, R. Educação de antigamente e de hoje. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/061/61lima.htm> . Acesso em 02 Set. 2014.

LIMA, R. **O declínio da autoridade: efeitos na família e na escola**. In: Educação no século XX: múltiplos olhares. Maringá: Eduem, 2009.

MACHAND, H. **A educação dos valores na escola – ou “devem as escolas ensinar valores?” “Que valores deve a escola desenvolver nos seus alunos?” “De que modo faze-los?”**. Lisboa: Universidade de Lisboa, s.d.

OUTEIRAL, J. O. Famílias na Contemporaneidade. **Videoconferência do CPF**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/19/integra-familias-na-contemporaneidade-jose-otoni-outeiral/> Acesso em 22 set. 2014.

RAMIRES, V. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

REBOUL, Olivier. O que é educar? In: REBOUL, O. **La Philosophie de l'éducation**, Paris: Puf, 1971, pp. 11-32. [Texto traduzido para o português]. Disponível na internet: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/ensinar/reboul.pdf>. Acesso em 22 set. 2014.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 11. ed. São Paulo, 2011.

SAYÃO, R. Filhos...melhor não tê-los? **Videoconferência do CPF**. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/video/filhos-melhor-nao-te-los>. Acesso em 19 Set. 2014